



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Religião e sincretismo Minóico-Micênico e a Filosofia Grega Antiga

Por: José Provetti Junior³⁹

jose.provetti@ifpr.edu.br

Resumo

Nesse texto se pretende demonstrar em que condições e sobre que bases o racionalismo crítico se dá na Hélade Arcaica, na *polis* de Mileto. Se ressaltará aqui, a adoção do racionalismo como um processo decorrente do sincretismo religioso Minóico-Micênico que teve durante a denominada “Idade das Trevas helênica” a base necessária para a adoção paulatina de um modo discursivo racional como ferramenta de representação do *kosmos*. Além disso, aqui se verá também que em sua origem e utilização grega, tanto Arcaica como Clássica, em momento algum o racionalismo, ou ainda, a Filosofia desse período pode ser apresentado como decalcado do fundo psicossocial do homem grego antigo.

Palavras-chave: Religião; Sincretismo; Minóico-Micênico; Grécia Antiga; Filosofia Antiga.

Resumo

Tiu teksto celas montri kio kondiĉoj kaj pri la kritika raciisma bazoj okazas en Hellas Arkaika, la polis de Mileto. Ĝi elstaros tie, la adopto de raciismo kiel procezo rezultanta de religia sinkretismo Minoica-Micênica ke ĝi havis dum la nomita "Malluma Helenika Aĝo" la bazo por la laŭgrada adopto de racia parolado kiel

39 É mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/ PR, é mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte-Fluminense Prof. Darcy Ribeiro – UENF/ RJ, é especialista em História, Arte e Cultura pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG/ PR, é especialista em Saúde para Alunos e Professores dos Ensinos Fundamental e Médio pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, é graduado e licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UEJR, tem saberes e competência reconhecidos em nível de doutorado – RSCIII -, pelo Instituto Federal do Paraná – IFPR. É servidor público federal, docente EBTT, lotado no Instituto Federal do Paraná – IFPR, na cidade de Assis Chateaubriand/ PR, atuando no magistério de Filosofia nos cursos Técnicos de Informática e Eletromecânica. É Coordenador Geral, Editor, pesquisador-efetivo, professor e extensionista do Grupo de pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR, membro da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos – SBEC. É pesquisador no Núcleo de Estudos da Antiguidade – NEA – UERJ e no Grupo de estudos Karl Popper – UNIOESTE. É autor dos livros “A alma na Hélade: a origem da subjetividade Ocidental”, do livro “O dualismo em Platão” e coautor no livro “Investigações Filosóficas-Sophia Umuarama: Filosofia, Educação e Autonomia – 2012”.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

representa ilo de kosmos. Krome, tie ankaŭ rigardos ke en origino kaj greka uzado, ambaŭ, Arkaika kaj Klasika, iam raciismo, aŭ eĉ la filozofio de ĉi tiu periodo povas esti prezentita kiel psikasocia fona modelo de la antikva greka viro.

Ŝlosilovortoj: Religio; Sinkretismo; Minoico-Micênico; Antikva Grekio; Filozofio.

Abstract

This text is intended to show under what conditions and on the critical rationalism bases occur in Archaic Hellas, at Miletus polis. It will highlight here, the adoption of rationalism as a process resulting from Minoan-Micenic religious syncretism that had during the só-called "hellenic Darkness Age", the basis for the gradual adoption of a rational discursive mode as the tool representation of kosmos. In addition, here also will see that in it origin Greek usage, thus, Archaic and Clasical at any time rationalism, or even the philosophy of this period can be presented as modeled on the Ancient psychosocial background of greek man.

Key-words: Religion; Syncretism; Minoan-Micenaean; Ancient Greece; Ancient Philosophy.

A questão a ser apresentada nesse texto se dirige às origens do pensamento racional e ao exercício do racionalismo por seus iniciadores, os helênicos da *polis* de Mileto, entre os séculos VII-VI a. C. como consequência do sincretismo religioso Minóico-Micênico potencializado durante a denominada "Idade das Trevas helênicas".

A motivação que leva ao trato desse problema, além da chamada de publicação da Revista IΦ-Sophia desse trimestre é o ensino de Filosofia no Ensino Médio brasileiro e nos anos iniciais das graduações de Filosofia levadas a efeito predominantemente no Brasil.

Atualmente, a partir do ano de 2.007, se verifica o aumento de publicações introdutórias ao campo da Filosofia para se alimentar o mercado editorial destinado ao Ensino Médio de formação geral e técnico, devido a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

reintrodução da disciplina no Currículo escolar obrigatório.

Em consequência, por demanda de mercado por novos profissionais para o magistério, as Universidades brasileiras, em especial as públicas estatais, vem incrementando os cursos de Licenciatura em Filosofia. O quê, por conseguinte, fez com que a oferta de livros introdutórios como clássicos em língua portuguesa se acentuasse significativamente, em relação ao momento anterior à reinserção da disciplina.

Várias obras clássicas vem sido traduzidas através dos esforços de editoras e de centros de investigação de pós-graduação *stricto senso* (mestrado e doutorado) com vistas à produção de Grupos de pesquisa tanto quanto o aumento de acessibilidade à tradição filosófica que o Brasil, por sua formação pedagógica geral, ser iniciante nas leituras já arquetípicas no Velho Mundo.

O autor desse artigo se recorda que no início de sua graduação, em torno do ano de 1.995, a recomendação dos docentes das disciplinas de Introdução a Filosofia era clara: para se levar a efeito os estudos necessários a Filosofia, o discente não podia prescindir ao domínio dos, em ordem de importância relativa ao foco de interesse investigativo: idiomas Grego, Latim, Alemão, Inglês, Francês e se não houvesse como atender àqueles, lamentavelmente, o Espanhol e o Português!

Embora para a pesquisa de pós-graduação em Filosofia essa recomendação ainda seja própria, o fato é que o cenário de disponibilidade de livros de ponta, em Português, de 1.995 a 2.015 no Brasil se alterou significativamente tanto em número quanto em qualidade, tendo em vista os esforços de diversas Instituições de Ensino Superior públicas estatais e algumas públicas privadas para a formação de recursos humanos qualificados.

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

No entanto, se observa ainda com certa relevância, a fragilidade de investimentos dos programas acima referidos no campo da História da Filosofia Antiga. Se respeitando, é claro, os relevantes esforços e contribuições de docentes pesquisadores de instituições como as Universidades Estaduais do Rio de Janeiro – UERJ, de Maringá – UEM, de São Paulo – USP, de Campinas – UNICAMP, as Federais do Rio de Janeiro, Fluminense, de Juiz de Fora – UFJF, de Minas Gerais – UFMG, a do Ceará – UFC, a de Brasília – UnB, do Instituto Federal do Paraná – IFPR em Assis Chateaubriand e pelas instituições públicas privadas, a inquestionável contribuição da Pontifícia Universidade Católica – PUC em várias de suas unidades.

Vale aqui um preito de louvor aos esforços e frutos alcançados pela professora doutora em História Maria Regina Cândido, docente em História Antiga da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ e da pós-graduação em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, diretora e pesquisadora do Núcleo de Estudos da Antiguidade – NEA – UERJ, que por mais de quinze anos vem divulgando, formando pesquisadores e realizando eventos em História Antiga no Rio de Janeiro, de maneira a influenciar diversos centros investigativos a dar mais atenção no Brasil à história e pensamento da Antiguidade.

É nesse ponto que se inicia a reflexão proposta por esse artigo.

Como tudo na vida tem um início, se verifica, desde os idos de 1.995, na graduação em Filosofia levada a efeito por esse autor, quanto no início de seu magistério filosófico, nos idos de 2.007, que há uma considerável superficialidade de autores de manuais introdutórios de Ensino Médio e de graduações, tanto quanto dos docentes responsáveis por disciplinas introdutórias à formação filosófica, quanto aos inícios do pensamento racional.

À parte da questão de como se deve ensinar Filosofia, isto é, se se deve

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ensinar História da Filosofia se lendo os clássicos ou se se deve ensinar a filosofar, que é meritória de ser tratada em outra oportunidade, se observa que nos livros didáticos de Filosofia pouca ênfase se dá à origem da razão.

Em linhas gerais se vê a seguinte situação: a) A opção por parte dos autores em se ensinar História da Filosofia ou se ensinar a filosofar e, após e atrelada à escolha; b) a opção teórica quanto à origem da Filosofia.

Se observa, de comum, que todos indicam a origem da Ciência como sendo a origem da Filosofia, por se tratar do surgimento e desenvolvimento da razão. No entanto, pouca relevância se dá ao fato, tanto quanto pouco desenvolvimento se dá sobre o que se trata quando se fala de razão, normalmente se limitando a dizer que é algo radicalmente oposto ao mito.

Distinção à parte sobre a questão dos nexos entre Filosofia e Ciência, a maioria dos autores passam por isso sem nada mencionar especificamente sobre as distinções inerentes aos dois campos, em especial, suas metodologias e nada mencionam sobre o distanciamento histórico entre um e outro, nem tampouco os valores intrínsecos de sua proximidade e afastamento.

Se observa, claramente, a intenção dos autores em estabelecer uma distinção entre pensamento do senso comum, sub-repticiamente vinculado ao pensamento mítico e o pensamento racional, vinculado a Ciência.

Já nas aulas de graduações de Filosofia e, sobretudo de outros campos de saberes que tem sua origem na Filosofia, mas que se especificaram em dado momento da história, se verificam dois procedimentos típicos das didáticas levadas a efeito no trato da origem da razão e sobretudo do campo especificamente: a) Graduações de Filosofia – se indica uma relação de bibliografias técnicas, que variam em histórias da Filosofia ou se o docente responsável pela disciplina tem



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

alguma coragem, se indica alguma obra que trata especificamente dos pensadores pré-socráticos.

Como acima afirmado, desde 1995 o parque editorial de obras desse gênero vem aumentando em opções, mas quase a totalidade são obras generalistas, isto é, tratam dos autores e suas teses quase como que se fosse um passeio a um museu, como artefatos históricos.

Raríssimas exceções, a maioria indica a leitura ou a faz pessoalmente, com os estudantes em sala e tece os comentários que são possíveis. Normalmente se detendo em leitura prévia de preparação para a aula. Raros são os docentes especializados em História da Filosofia Antiga e ou, ainda, em determinados autores desse período enquanto foco investigativo de seu mestrado e/ ou doutorado.

b) Nas graduações de outras áreas – o problema é mais grave, pois munido normalmente de uma relação de indicações bibliográficas introdutórias do campo específico, nestas, em geral, se observa apenas alguma indicação ao filósofo iniciador do campo e rapidamente se abstém a qualquer menção ou aprofundamento de pertinência. Novamente se verifica a superficialidade do nexos e a furtiva iniciação aos princípios filosóficos do campo específico.

Ora, seja no Ensino Médio de Formação Geral ou Técnico, seja na graduação de Filosofia ou de qualquer outro campo do saber que parte da Filosofia, se observa, lamentavelmente, que a razão, tanto quanto os pensadores e suas teses que a iniciaram são apresentados aos estudantes como dados, como peças de museu dos saberes científicos e com raríssimas exceções, como algo próprio à investigação e conexão com os problemas da atualidade, seja de qual for a natureza da questão.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Alguns docentes e programa se atém a alguns fundamentos técnicos para se eximirem de investimentos específicos no melhor preparo dos docentes que aplicam as disciplinas iniciais das graduações ou preparatórias, como as do Ensino Médio. Outros alegam que o Brasil, por ser um país criado na Idade Moderna não faz sentido algum aprofundamento e que caso o estudante deseje, no futuro, que o faça em especializações *lato* e *stricto sensu*.

No entanto, como descrito acima, apenas nos últimos vinte anos é que se dá, em universidades brasileiras, a criação de grupos de pesquisa, de estudo, de Linhas de Pesquisa em programas de pós-graduação e atividades de extensão para formação continuada de docentes e de alunos em geral.

Nesse sentido, aqui se dará o esforço de estimular o leitor à aproximação do campo da História da Filosofia e da Epistemologia grega Antiga, se ressaltando o nexos entre a religião Minóica-Micênica e a Filosofia Arcaica por meio da relação entre mito e razão.

É de conhecimento geral, que a Filosofia, enquanto “amor, amizade à sabedoria” foi um campo do saber surgido na Hélade Arcaica entre os séculos VII-VI a. C., na *polis* de Mileto, na Jônia, Ásia Menor. E que seu fundador foi Tales, um dos sete sábios da Hélade.

No entanto, se pergunta: Tales era um cientista? Ele atuava em uma escola, portanto era um professor? Quando se afirma que ele inicia a Ciência, em que sentido e condições isso se dá? O que vem a ser “cosmologia” e “Natureza”? Em que condições se via o homem grego Arcaico nessas considerações? Como se dava o acesso ao conhecimento nessa época e quais são seus valores implícitos? Seria a mesma a experiência e leitura dos problemas daquela época com os atuais, isto é, metodologicamente falando? A quem se dirigia Tales e sua escola e como eram



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

vistos por seus contemporâneos? Do que tratavam, especificamente, ao fazer cosmologia?

Essas são questões que não são solúveis apenas com a leitura dos fragmentos dos pensadores pré-socráticos, seja no original em grego ou em outra língua qualquer. São dúvidas que em geral, nas obras técnicas sobre o pensamento pré-socrático se vê por parte dos comentadores (doxógrafos) e helenistas contemporâneos, raros que se deem à contextualização historiográfica e conceitual.

Além disso, se vê, também, nos centros de pesquisa dedicados à leitura e interpretação dos clássicos, um forte movimento de autentificação de leituras dos pensadores da Antiguidade, tanto quanto de outros períodos mais distanciados da Idade Moderna e Contemporânea, sem cuidados conceituais e historiográficos atinentes à contextualização do autor em seu tempo. Alegam que isso seria impossível, dado o uso contemporâneo dos instrumentais conceituais em que o leitor de hoje está inserido e da impossibilidade de se resgatar qualquer leitura próxima à daquela época.

Aqui se discorda dessa explicação e se defende a metodologia de trato da documentação primária ou doxografia através da reconstituição historiográfica possível por meio da História Psicológica, das Ideias e das Mentalidades, se aplicando tal metodologia à análise semiótica e lexical da língua grega Arcaica, a par da análise proporcionada pela História Comparada sobre a produção de diversos helenistas, conforme o caso em investigação.

Fundado nessa metodologia, se defende que a razão é uma modalidade do discurso que emerge na Hélade Arcaica, em Mileto, na Jônia, a partir de uma ruptura metodológico-pedagógica levada a efeito por Tales, que se baseou nas crenças religiosas tradicionais, que por si remontam ancestralmente à religião



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Minóico-Micênica.

Historiadores como Kirk; Raven & Schofield (1994) defendem o vínculo ao qual aqui se refere o autor do artigo, indicando no início de sua obra “Os filósofos pré-socráticos”, a conexão entre o pensamento teogônico e cosmogônico de Homero, Ferecides, Álcman e Hesíodo com a tradição talesiana.

Essa tese encontra amparo nas obras de outros helenistas como Vernant (1999; 1998; 1990), Detienne (1998; 1991; 1988), em Jaeger (1995), Havelock (1996) dentre outros.

Recentemente, tal abordagem foi corroborada pelo autor desse artigo, por meio de estudos levados a efeito em segundo mestrado, estudando as origens gregas do racionalismo popperiano (2014), se confirmando, assim, a pertinência da abordagem da História Psicológica enquanto instrumento próprio ao trato filosófico do pensamento grego Antigo e de qualquer outro não contemporâneo.

Sem tal abordagem, a anacronia de excelentes leituras dos antigos é inevitável e, desse modo, se reforça a ideia de que suas teses e propostas são peças de museu da racionalidade, inúteis à qualquer reflexão seria sobre problemas hodiernos, ao brincar com a plasticidade argumentativa para adequações outras que não a reinserção conceitual que extrapola qualquer adequação às teses de autores contemporâneos, conhecedores ou não de sua filiação filosófica.

Retornando às indagações propostas acima, se utilizar-se-á delas como roteiro de continuidade às reflexões desse artigo.

1. Tales era um cientista? Não, é fato bem conhecido de todos que a Ciência enquanto processo investigativo se qualifica como tal a partir da aplicação de certos princípios racionais (lógicos), que a vincula a Filosofia, mas que para a própria tradição filosófica empirista e científica, em especial, a Positivista e Neo-



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

positivista são campos distintos e até certo ponto excludentes, no sentido forte de que a Filosofia seria fruto de uma tradição linguística helênica, desprovida de validade lógica (RORTY, 1988; POPPER, 2007).

Tales, então, é um filósofo. No sentido forte do termo, não, pois o termo “filosofia” teria sido cunhado por Pitágoras de Samos (KIRK; RAVEN & SCHOFIELD, 1994) no século V a. C. Ou seja, Tales não teria conhecido a palavra “filosofia”. Além disso, a tradição filosófica e historiográfica que remonta a Heródoto de Halicarnasso (2006) o identifica como um “dos sete sábios da Grécia”.

Portanto, Tales não era um cientista e nem mesmo um filósofo. Mas o que seria ele ao ser considerado como “um sábio”?

Segundo Cornford (1989), Detienne (1988) e Vernant (1998), por “sábio” se pode entender, simultaneamente, o personagem social que na Grécia Arcaica exercia as funções de *rapsodo*, adivinho, xamã, médico e, posteriormente, no período Clássico, o de filósofo. Isto é, Tales, em sua época, seria um personagem excepcional, dado a versatilidade de funções atestadas pela doxografia, que vincula o pensador racionalista como alguém que estando inserido no cotidiano da existência, desta se destaca pela senão constante busca, vivência do ideal religioso de *sophrosyne*, isto é, “nada em excesso, medida, justa-medida, justo-meio, harmonia, equilíbrio, ritmo” (VERNANT, 1998).

Nesse sentido, sem qualquer receio de anacronia e condizente com o que atesta Jaeger (1995) e Popper (2002), Tales não foi um professor e não tinha uma instituição escolar. Mas possivelmente em sua casa, como se supõe a partir da doxografia (KIRK; RAVEN & SCHOFIELD, 1994), ele foi um sábio por incorporar em sua existencialidade, de maneira forte, o ideal religioso de *sophrosyne* e neste e por este desenvolver ações em diversas situações de sua vida em que se impressionou



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

seus contemporâneos de tal maneira que estes lhe atribuíram a *areté* (excelência) que lhe caracteriza como um personagem social que norteou o desenvolvimento helênico posterior a ele, em especial, no campo da Filosofia.

E disso, sua notoriedade lhe granjeou discípulos, tal qual se dava nas escolas de sabedoria Oriental presentes no Egito, na Pérsia, na Judeia e demais culturas próximas a Jônia. Mas se foi isso, no que consistia sua “escola”, o que se investigava e como isso se dava?

No entanto, note o leitor que pelo termo “escola” não se compreende uma instituição educacional de qualquer natureza, pois o que se atribui normalmente a essa palavra é um círculo de pessoas que se reúnem para discutir sobre algum assunto e que toma certa posição teórica mais ou menos aproximada, embora se admita variações.

Ora, se Tales não foi um cientista, não foi um professor, em que sentido se deve compreender que ele foi o iniciador da Ciência? O que ele ensinava?

Talvez essas duas perguntas devam ser respondidas a se iniciar pela segunda. De início, Tales nada ensinava, mas segundo Popper (2002), ele e seu grupo investigativo, composto por Anaximandro e Anaxímenes de Mileto, Xenófanes de Cólofon e Heráclito de Éfeso discutiam sobre os elementos teogônicos e cosmogônicos da tradição mítica de Homero, Hesíodo, de Álcman, de Ferecides, dos órficos e de diversos outros poetas gregos e de outras etnias não helênicas.

Como Mileto era uma *polis* que dispunha de intenso comércio marítimo e terrestre, dado sua localização geográfica, pela cidade-estado se encontravam pessoas de diversas etnias, com culturas e estórias de origem variadas. O quê possibilitava uma rica fonte de análise comparativa e maior flexibilidade aos jônios



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

do que aos helênicos insulares ou continentais no que se refere a certo relativismo cultural quanto a seus mitos.

Nesse sentido, conforme afirma Popper (2002), Tales e seu círculo liam e declamavam poemas e mitos, gregos e bárbaros, os analisando comparativamente e buscando averiguar suas proximidades e distinções.

Sendo assim, o que há de inovador na “escola de Mileto”? O por que Tales realizou algo distinto do que se dava nas escolas de sabedoria Orientais, existentes no Egito, na Pérsia, na Judeia, em se considerando que enquanto personagem social, pouco se distingue dos sábios Orientais? E por que se deu tal diferença em Mileto e não nas demais culturas aqui citadas?

Os doxógrafos indicam que Tales teria realizado uma viagem ao Egito (KIRK; RAVEN & SCHOFIELD, 1994, p. 76), na época considerado centro cultural do Mediterrâneo e possivelmente teria travado conhecimento com os sacerdotes egípcios, responsáveis pelas escolas de sabedoria daquele país.

Popper (2002) informa que a inovação de Tales se constituiu em dois processos básicos: a) A quebra da relação tradicional entre mestre-neófito; b) Estímulo á propositura de crítica teórica à tese do mestre, na expectativa de melhorá-la e superá-la, de preferência.

Ora, observe o leitor o que acima foi descrito quanto ao papel social e variedade deste atribuído ao sábio na Grécia Arcaica (DETIENNE, 1998; CORNFORD, 1989). Se adite a isso os feitos levados a efeito por Tales, registrados pela doxografia, como a previsão de um eclipse que tivera dado vitória ao milésios em conflito com os Lídios (KIRK; RAVEN & SCHOFIELD, 1994), registrado também por Heródoto (2006).

Tales, em vida, possivelmente já gozava de boa fama, sem contar a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

relevância de seus atos políticos e militares nos lances iniciais do conflito helênico-medea.

No entanto, Tales toma a postura, em seu círculo investigativo, de não por no papel da referência da autoridade, enquanto sábio. Além disso, informa Popper (2002), fundamenta sua didática na crença comum de que a Verdade sobre o *kosmos* só é acessível aos deuses e que aos homens apenas é possível o tecer de conjecturas. Isto é, Tales além de abrir mão da autoridade que sua *areté* certamente lhe brindava, ele parte da assunção de que ao homem só é possível conhecer algo da verdade sobre a realidade, a partir de conjecturas e, enquanto tais, a dele nada mais era do que mais uma opinião verossímil sobre o *kosmos*.

Portanto, ao assim proceder, Tales se despersonaliza enquanto mestre, se posiciona em pé de igualdade para com os discípulos e no próximo passo, o b), abre-se à crítica revisionista crítica por parte dos alunos, os desafiando a fazer melhor do que ele.

Tal postura e procedimento, aliados à crença então popular na Hélade Arcaica de que aos homens sobre a verdade sobre o *kosmos* é possível apenas a elaboração de conjecturas fez de Tales e de sua “escola” os iniciadores do racionalismo crítico revisionista. O que foi o ponta pé inicial do que séculos depois viria a ser chamado de Ciência, no sentido de constantes e recorrentes análise e revisões dos saberes, porém, destituídos da exclusividade do método indutivista e da experimentação, tendo em vista, por parte dos gregos Arcaicos o desconhecimento de si próprios enquanto sujeitos do conhecimento subjetivamente falando, o uso da conceitabilidade, em detrimento da objetividade e, sobretudo, a ausência da demanda da experimentação como critério de validação de teorias.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

É nesse sentido que Tales, embora seja o iniciador do que se pode chamar de “núcleo teórico-metodológico” da futura Ciência, enquanto saber racionalista, não pode ser chamado de “cientista”.

Vencidas as etapas iniciais da proposta desse texto, faz-se necessário avançar na demonstração e argumentos para que se valide o vínculo entre a religião Minóico-Micênica e a Filosofia grega Arcaica.

Nesse sentido, passemos ao que Tales e sua escola discutiam, reviam e criticavam. Essa filosofia primeira, a dos pré-socráticos, é tradicionalmente conhecida como “física pré-socrática” ou ainda, por “cosmologia”, por se deter, predominantemente, nas investigações sobre a origem do *kosmos*, da *phýsis*, do movimento ou não dos elementos da *phýsis*, a origem dos seres vivos e por fenômenos psicológicos, tensionando ao limite, aqui, este conceito intencionalmente.

Tal tencionamento se dá devido à tradição filosófica ter por hábito, distinguir essa filosofia inicial da posterior, a denominada “pós-socrática”, devido a Sócrates de Atenas, através das obras de seu discípulo Arístocles de Atenas (Platão), ter tratado do âmbito ético e moral do homem, adentrando-se pela discussão da relação corpo-mente, a questão linguístico-sofística e de se ter detido, em física, ao conflito mobilismo-imobilismo *kósmico*, se posicionando mais ou menos intermediariamente entre os argumentos de Heráclito de Éfeso e Parmênides de Eleia. O quê, para alguns pensadores contemporâneos, aditado a sua famosa “teoria das Ideias”, teria criado a ontologia e, por conseguinte, a metafísica, se distinguindo, então, das cosmologias pré-socráticas.

No entanto, aqui se discorda da tradicional divisão desses dois momentos históricos para a Filosofia, partindo-se da análise simples de dois



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

conceitos chaves à questão, a saber: “cosmologia” e “ontologia”.

Para Mora (1964, p. 363):

Cosmología. En sentido general se llama cosmología a toda doctrina acerca del mundo (...), concebido como una totalidad. La cosmología se ocupa, por lo tanto, del conjunto del mundo, de su origen y de sus leyes (...). La cosmología trata entonces del mundo en general como “omnitudo realitatis”, incluyendo en este estudio el examen de la naturaleza de los cuerpos y de las leyes universales por las cuales se rigen. Las cuestiones relativas al origen del mundo y, sobre todo, a la cuestión de si el mundo existe por sí o ha sido creado, son cuestiones centrales cosmológicas. Lo mismo ocurre con la cuestión de la composición última de los cuerpos en tanto que presenta problemas de naturaleza racional. (...).⁴⁰

Para Japiassu & Marcondes (2001, p. 143), ontologia é:

(gr. *on, ontos*: o ser, *logos*: teoria) Termo introduzido pelo filósofo alemão Rudolph Goclenius (...) em seu “Lexicon Philosophicum (1613), designando o estudo da questão mais geral da metafísica, a “do ser enquanto ser”; isto é, do ser independentemente de suas determinações particulares e naquilo que constitui sua inteligibilidade própria. Teoria do ser em geral, da essência do real. O termo “ontologia” aparece no vocabulário filosófico por vezes como sinônimo de metafísica. (...).

Se levando em consideração as definições acima, se verifica que a cosmologia trata sobre as origens e fundamentos do mundo e de seus elementos constitutivos. Enquanto a ontologia se preocupa com a investigação em torno do ser em geral, em detrimento de suas particularidades.

⁴⁰ Cosmologia. Em sentido geral se chama cosmologia a toda doutrina acerca do mundo (...), concebido como totalidade. (...). A cosmologia trata, então, do mundo em geral, como *omnitudo realitatis*, incluindo neste estudo o exame da natureza dos corpos e das leis universais pelas quais se regem. As questões relativas à origem do mundo e, sobretudo, à questão de se o mundo existe por si ou já tinha sido criado, são questões centrais da cosmologia. O mesmo ocorre com a questão da composição última dos corpos, enquanto apresenta problemas de natureza racional. (...). Tradução realizada do Espanhol pelo autor desse artigo.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Aqui se chama a atenção do leitor para as duas definições e, sobretudo, para o fato histórico de que nenhuma era utilizada pelos pensadores pré-socráticos, se constituindo, os termos “cosmologia” e “ontologia”, conceitos criados posteriormente. O primeiro pelo filósofo polonês Wolff e o segundo por filósofo alemão Goclenius, ambos no século XVII d. C. O que significa que possivelmente os antigos compreendiam e faziam algo diferente sobre isso.

Esse fato é denunciado por Popper (2002, p. 114) quando indica que Parmênides de Eleia, tradicionalmente apontado como o “criador” do problema ontológico do *Ser*, em sua teoria contrária a de Heráclito de Éfeso, não foi, em hipótese alguma, um ontologista, isto é, alguém que em seus pensamentos e teses estudava o *Ser* em suas generalidades, enquanto um problema, por assim dizer, “linguístico”, abstrato, metafísico⁴¹.

O que é reforçado por Provetti Jr. (2014, p. 179), quando informa que:

(...) para Popper (...) Parmênides não foi um ontologista, mas um cosmologista. Pois o que era seu interesse não era a investigação em torno do problema do *Ser*, mas em torno de explicar se seria ou não possível o movimento defendido por Heráclito. E isso não é ontologia, mas cosmologia.

Ou o *kosmos* é um processo em movimento (Heráclito) ou um bloco estático (Parmênides). Portanto, não se trata de um debate em torno do valor, sentido ou significado da cópula “é”, mas uma investigação em torno dos materiais, estrutura e dinâmica (se há), do *kosmos* e da *phýsis*.

Ora, se a escola de Mileto, nesse momento representada por Heráclito de Éfeso e Parmênides de Eleia não faziam ontologia, nem tampouco metafísica, mas cosmologia, o que está implícito nessa consideração e nas anteriores?

41 Termo também alienígena ao período Arcaico e Clássico, sendo criado por Andrônico de Rodes, organizador das obras de Aristóteles, em torno dos anos 50 d. C., conforme se vê em Japiassu & Marcondes (2001, p. 129).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Que ao buscarem compreender o *kosmos* e a *phýsis*, no sentido de seus materiais, estrutura e dinâmicas processuais, os primeiros pensadores racionalistas tinham como pano de fundo uma concepção cultural de *kosmos* e *phýsis* razoavelmente distintas das atuais.

Como atestam Kirk, Raven & Schofield (1994), Vernant (1990) e Mondolfo (1970) dentre outros helenistas, o debate racionalista crítico se instaura em torno da análise de poemas, mitos e narrativas tradicionais como os poemas de Homero, os de Hesíodo, em especial, sua “Teogonia” (2007). O que indica, portanto, que os pensadores de Mileto não tinham uma proposição radicalmente oposta à tradição mito-poética, nem tampouco qualquer posicionamento anti religioso, no sentido cientificista contemporâneo.

Ao proceder à análise racionalista, revisionista crítica a partir da crença popular à época de que apenas aos deuses era possível um conhecimento verdadeiro sobre o *kosmos*, Tales e seus discípulos operaram no âmbito tradicional da poesia, das cosmogonias e teogonias e a partir delas, elaboraram conjecturas explicativas a partir da nova linguagem, isto é, o modo discursivo racional, tendo em vista suas vantagens expressivas não formulares, em prosa, em detrimento da poesia, com suas necessidades de versificação e métrica, atreladas às tecnologias mentais de uma cultura oral.

É nesse sentido que se observa que a concepção de *kosmos* e *phýsis*, necessariamente, não se coadunava com a atual, pois como ilustram Coulanges (1981), Brandão (1998) e Burkert (1993), os helênicos Arcaicos concebiam o *kosmos* como um ser vivo, dotado de corpo e alma. O corpo seria toda a multiplicidade de seres observáveis e conceptíveis no *kosmos*; sua alma, nada mais nada menos do que as almas humanas nos constantes ires e vires dos ciclos



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

cósmicos da metempsicose, que conforme a capacidade de cada alma encarnada, em atingir sua *areté* (excelência), ascendia ou decrescia, em nova vida, na escala evolutiva que unida todas as dimensões existenciais do *kosmos*.

Essas dimensões, conforme Vernant (1990), tem nos ciclos *kósmicos* de uma temporalidade circular, dividida em Idades que segundo o mito das raças de metal, de Hesíodo (2007; 2006), tinha o caráter degenerativo, cíclico (circular), isto é, sempiterno, pois não tem início nem fim e devido a isso era autoiniciante, na medida em que sendo desordenado pela degeneração, no e pelo *Chaos*, se reorganizava na denominada “Idade de Ouro”.

Convém, aqui, lembrar ao leitor que os homens sobre quem escrevemos não são cristãos nem muçulmanos. Não tem qualquer influência direta do judaísmo e, portanto, sua auto-concepção de homens, enquanto ser é desprovida, parcialmente, da consciência da existência e atuação de sua subjetividade no processo existencial de suas vivência na realidade e, acima de tudo, não se vê como algo especial, do tipo “um filho de Deus” ou “a coroa da criação”.

Os gregos Arcaicos e Clássicos se viam como um dos seres da *phýsis*, cuja a alma, através da metempsicose migra, de existência em existência, de corpos, espécimes animais e vegetais ou minerais e gêneros conforme as forças divinas do Tempo (*Chronos*) e da Necessidade (*Ananké*) e pelo cumprimento da *areté* pertinente a cada um desses quesitos, em cada existência até à quebra dos ciclos reencarnatórios, conforme se vê em Coulanges (1981), Burkert (1993), Jaeger (1995; 1952).

Como acima descrito, os leitores devem ter notado que o autor desse texto se utilizou dos temas “Tempo” e “Necessidade” em letra maiúscula e, em seguida, entre parênteses, se pôs a palavra em grego. Isso significa que para os



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

helênicos Arcaicos e Clássicos, tudo no *kosmos* era naturalmente divino, em todas as multiplicidades de seres existentes em qualquer de suas dimensões existenciais, isto é: os reinos mineral, vegetal, animal, neste contido o hominal, o dos deuses e o *Hades* ou mundo dos mortos.

É nesse sentido que aqui se discorda da separação da História da Filosofia entre pré e pós socráticos se utilizando da distinção de temáticas tratadas em predominante, pois quando Sócrates/ Platão desenvolvem sua Filosofia, nada mais fazem do que estudar algumas particularidades de uma das dimensões existenciais do *kosmos*, isto é, no reino animal, o reino hominal. Para eles, dividido em helênicos e bárbaros.

Além disso, o objeto de investigação direcionado a *phýsis*, isto é, a parte do *kosmos* que se encontrava a partir do deus *Ouranos* (Céu) até a deusa *Gaia* (Terra), seus materiais, estruturas e dinâmicas, nada mais era do que o trato comum e desassombrado com o qual os helênicos arcaicos e clássicos viam suas divindades, em pé de igualdade quanto ao engendramento *kosmico* que os pôs sob a luz de *Hélios* (Sol), com o que se concorda, aqui, com Jaeger (1952) que a filosofia primeira, nos alvares da criação do modo discursivo racional era uma teologia e, portanto, extremamente vinculada à religião grega.

É o mesmo posicionamento que permite, por exemplo, se afirmar no âmbito cosmogônico que as teogonias de Álcman de Esparta, de Ferecides de Siros e de Hesíodo são, em certa medida, pré-rationais e porque não afirmar: quase cosmologias? Sobre as quais trabalharam os primeiros racionalistas críticos em Mileto.

É de se notar, também, que a ignorância total ou parcial da subjetividade por parte do homem grego Arcaico e Clássico, como atesta Mondolfo (1970),



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

aditada a mais de trezentos anos de cultura oral e das tecnologias mentais decorrentes dessa cultura, como indicar Havelock (1996), desenvolveu nos helênicos uma auto concepção de um *Eu* aberto, de caráter social, na e através da qual o homem e seus feitos só eram imortalizados pela ações que empreendesse de modo a atingir o reconhecimento social de sua excelência (*areté*) para ser cantado e dançado pelos *rapsodos* (poetas inspirados pelas Musas).

Nesse sentido, a proeminência dos fenômenos cognitivos como a memória, a fala ritualizada, metrificada e eficiente, bem como o processo de construção das *polis* enquanto modo existencial emergente da Idade das Trevas helênica, conforme atesta Vernant (1998), faz da conceptibilidade o critério de verdade na teoria do conhecimento dessa população.

O que justifica a riqueza e caráter fantástico dos deuses e seres mitológicos que prenam a poesia grega de Homero às comédias, testemunhando que a sacralidade da palavra-eficiente tornou o homem grego um ser que ignora total ou parcialmente o papel que sua subjetividade exerce no binômio sujeito e objeto do conhecimento e, nesse medida, vive tomado pelas forças divinas do *kosmos* que como ele próprio enquanto alma, por meio da metempsicose, é um deus encarnado, em busca de sua divinização através da plenitude de sua *areté*.

Segundo Giordani (1972), Coulanges (1981) e Burkert (1993), a Idade das Trevas trouxe às populações helênicas uma espécie de síntese religiosa sincrética dos Dóricos, Micênicos e Minóicos, remontando a ancestralidade de suas crenças e práticas religiosas da família ao coletivo, de permanências e rupturas tradicionais que ligam a grande síntese sincrética os séculos XX-VIII a. C.

Tal sincretismo se nota através da religião gregas e suas manifestações. Tão bem estudadas por Coulanges (1981) e Burkert (1993), que se pode indicar



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

nas seguintes vertentes: a) Culto dos mortos; b) Culto da *Héstia*; c) Culto cívico ou Olímpico; d) Culto dos mistérios e e) A religião filosófica.

A partir do exposto até ao presente e com essa indicação anterior, se supõe ter indicado ao leitor a pertinência do problema levantado pelo autor e dos desdobramentos investigativos que merecem certa atenção, como por exemplo, a análise de cada um dos itens acima, isto é, de “a” a “e” e de suas particularidades, para que se demonstre que de fato, os pensadores racionalistas críticos do período Arcaico não eram homens fora de seu tempo.

Que ao realizarem seus experimentos linguísticos em prosa, em análise crítica racionalista sobre a tradição poética, mítica e sacra da palavra-eficiente não eram ateus, materialistas ou naturalistas, no sentido contemporâneo desses termos. E que a ruptura temática em História da Filosofia, sugerida por esta tradição, em pré e pós socráticos é artificial e não resiste ao crivo da crítica historiográfica, sendo, portanto, falsa e induz o estudante desavisado a interpretações no mínimo equívocas sobre os antigos e seus nexos contemporâneos.

Por fim, conclui-se nesse artigo, a despeito da necessidade de continuidade em outro momento, que a Filosofia primeira, no período Arcaico, levada a efeito por Tales e sua “escola” foi uma cosmologia, edificada sobre uma nova mídia linguística, o modo discursivo racional em prosa, aplicado sobre o modo discursivo mito-poético-eficiente da cultura oral.

Um verdadeiro divisor de águas que possibilitou a construção da razão (*logos-mytho*) como uma ferramenta revisionista crítica dos mitos, teogonias e cosmogonias tradicionais, em franca e ampla discussão por vários pensadores. Eclodindo em Mileto por meio do incentivo de uma nova didática e pedagogia,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

criada e implementada por Tales, se demonstrando, assim, o nexos natural de continuidade, por aumento de complexidade reflexiva sobre o *kosmos* como sendo “a nossa casa, (...) seus materiais, estruturas e dinâmicas processuais” (POPPER, 2002, p. 15).

Referências

- BURKERT, W. **A religião grega na época Arcaica e Clássica**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- CORNFORD, F. M. **Principium sapientiae: as origens do pensamento filosófico grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- DETIENNE, Marcel. **A invenção da mitologia**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1998.
- _____. **A escrita de Orfeu**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- _____. **Os mestres da verdade na Grécia Arcaica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- GIORDANI, Mário Curtis. **Os gregos: Antiguidade Clássica I**. Petrópolis: Vozes, 1972.
- HAVELOCK, E. A. **A revolução da escrita na Grécia: e suas consequências culturais**. São Paulo e Rio de Janeiro: USP e Paz e Terra, 1996.
- HERÓDOTO (de Halicarnasso). **História**. Rio de Janeiro: Clássicos Jackson, 2006.
- HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses**. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- _____. **O trabalho e os dias**. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- _____. **La teología de los primeros filósofos griegos**. Ciudad del Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1952.
- JAPIASSU, Hilton & MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- KIRK, G. S.; RAVEN, J. E. & SCHOFIELD, M. **Os filósofos pré-socráticos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
- MONDOLFO, Rodolfo. **O homem na cultura Antiga: a compreensão do sujeito humano na cultura antiga**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- MORA, Jose Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. Buenos Aires: Editorial Sudamérica, 1964, Tomo I.
- POPPER, Karl Raymund. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 2007.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

_____. *The world of Parmenides: essays on the presocratic enlightenment* . London and New York: Routledge, 2002.

PROVETTI JR., José . **As origens gregas do racionalismo poepperiano** . Toledo: UNIOESTE, 2014. Dissertação apresentada como quesito de conclusão de curso de mestrado em Filosofia Moderna e Contemporânea. Disponível na internet.

RORTY, Richard . **A Filosofia e o espelho da natureza** . Lisboa: Dom Quixote, 1988.

VERNANT, J-P. . **Mito e sociedade na Grécia Antiga** . Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1999.

_____. **As origens do pensamento grego** . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **Mito e pensamento entre os gregos** . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.